

OPINIÕES DE PESSOAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS SOBRE VELHICE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO *

Elvira Conceição de Abreu e Melo Wagner**
Anita Liberalesso Neri***

RESUMO

Foi aplicado um questionário de 12 itens (fechados, abertos e mistos) a 360 sujeitos com idades entre 14 e 45 anos, agrupados em quatro faixas etárias (14-18; 19-24; 25-34 e 35-45 anos) e pelos critérios de sexo e escolaridade. O questionário cobriu quatro temas: a) caracterização do velho por critérios biológicos, psicológicos, sociais e cronológicos; b) relações sociais e familiares na velhice; c) estereótipos negativos sobre o velho; e d) expectativas relativas à própria velhice. Suas respostas foram agrupadas em quatro categorias e 17 sub-categorias. Obteve-se uma grande variedade de opiniões, interpretada como reflexo da confusão existente na sociedade a esse respeito. As principais opiniões levantadas foram as seguintes: a velhice significa perdas, características negativas e necessidade de afetos e cuidados; o velho deve morar de preferência com seus familiares, entre os quais seria respeitado, ajudado e ouvido; o velho deve executar trabalhos mais leves e de menor responsabilidade, ou então decidir se quer ou não trabalhar; no lazer, no trabalho, no vestir e ao dirigir automóveis, o velho deve respeitar os limites da idade. Os sujeitos mais velhos acentuaram as perdas, e os mais novos, as características negativas do velho. Para os sujeitos mais velhos, mais do que para os jovens, o velho deve morar sozinho. Para os mais jovens, mais do que para os mais velhos, o velho deve descansar, ao invés de trabalhar; os sujeitos mais jovens foram menos restritivos que os mais velhos, quanto às roupas, ao lazer e ao dirigir automóveis em idosos. Os homens enfatizaram mais as perdas que as mulheres, e estas mais as características negativas do velho do que aqueles. As mulheres, mais que os homens, vêem a velhice como um "estado de espírito". As mulheres localizam a velhice em idades mais avançadas do que os homens, mas de um modo geral os indivíduos tenderam a localizá-la aos 60 anos. Os homens se vêem mais como independentes e participantes na velhice que as mulheres, que ressaltaram mais sentimentos positivos e de auto-gratificação. Os homens, mais que as mulheres, foram favoráveis ao trabalho do idoso na velhice. Independentemente de idade, sexo e escolaridade, os sujeitos deram opiniões conservadoras quanto aos papéis do velho na família. Os sujeitos de escolaridade primária, mais que os de nível superior, realçaram o direito do velho ao descanso ou a trabalhos mais leves.

*Este artigo é uma versão do trabalho que recebeu o "Prêmio Guilherme Marroquim" de Gerontologia Social, oferecido, pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e pela Sandoz do Brasil, em 1985.

**Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.

***Instituto de Psicologia da PUCCAMP e Faculdade de Educação da UNICAMP.

As autoras agradecem a colaboração de Beatriz Mann, Sandra Faria de Camargo, Reinaldo da Silva Pereira e Saulo Monte Serrat.

O interesse pela velhice e o envelhecimento humano é relativamente recente, datando do início dos anos 20, quando G. Stanley Hall publicou seu livro "Senescence - The last half of life" (1922, apud Cole, 1984).

Alguns fatores sociais têm contribuído para que a fase final do desenvolvimento humano esteja merecendo maior atenção dos cientistas. A população idosa vem aumentando, principalmente nos países ricos em que, de uma taxa de 5 a 8% no início do século, saltou para 10 e 11% do total da população, na última década. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1985, estima-se, a população idosa no Brasil em 6,8% da população, com um número absoluto próximo a nove milhões de pessoas com mais de 60 anos (idade considerada pela Organização Mundial de Saúde, como o início da velhice. Segundo Laurenti (1985), o SEAD* dá para o Estado de São Paulo em 1982, uma população de mais de 60 anos, de 1.916.600 pessoas, e para a Grande São Paulo, de 890,2 milhões. O aumento na população idosa em todo o mundo pode ser atribuído ao crescente avanço científico e tecnológico, que permite um melhor controle das doenças e diminuição da taxa de mortalidade. Esses fatores, associados à melhora geral na qualidade de vida nas cidades e à automação de boa parte das tarefas no trabalho, têm também retardado o desgaste físico, permitindo que as pessoas tenham maior expectativa de vida, e de melhor qualidade do que antigamente (Neugarten, 1979; Yin e Shine, 1985).

O padrão de vida e o número de idosos variam com a classe social. Assim é que, no Brasil, convivem velhos com um padrão de vida comparável ao de cidadãos abastados no primeiro mundo, e outros com um padrão tão miserável e uma expectativa de vida tão rebaixada quanto aos países mais atrasados do Terceiro Mundo. Segundo dados do IBGE de 1981, a expectativa média de vida do brasileiro ao nascer é de 57,90 anos. No Nordeste essa taxa cai para 49,16, com 46,4 anos para os homens e 62,06 anos para as mulheres. No Distrito Federal estima-se essa taxa em 63,3 anos (60,15 para os homens e 68,87 para as mulheres), no Rio de Janeiro, em 65,08 anos (61,76 para os homens e 68,78 para as mulheres) e, em São Paulo, em 64,51 (61,23 para os homens e 68,08 para as mulheres) (Laurenti, 1985).

A despeito desses progressos, predominam ainda, na literatura psicológica e de Gerontologia Social, formulações teóricas e empíricas que priorizam e realçam os aspectos patológicos ou desadaptativos da velhice. Refletindo a ideologia do novo, do produtivo e do consumível, a literatura destaca as perdas da velhice, sem em geral levar em conta que as mudanças típicas desse período seriam mais bem aquilatadas a partir

*SEAD - Sistema Estadual de Análise de Dados (órgão pertencente à Secretaria do Interior do Estado de São Paulo).

da consideração de uma perspectiva de equilíbrio entre ganhos e perdas (Neri, 1983). Shonfield (1982) veicula o termo "ageism" — de difícil tradução, e para o qual talvez se possa sugerir "velhismo" — para referir-se ao mito do estereótipo negativo contra o velho, existente na Gerontologia Social.

As formulações teóricas de Erikson (1950 e 1955) e de Neugarten (1963,1964,1969 e 1979) se constituem interessantes alternativas a essa maneira de se encarar a questão da velhice. Para Erikson (1950 e 1955) o desenvolvimento humano, do nascimento à morte, se dá ao longo de uma seqüência invariante e hierarquizada de oito estágios, cada um deles caracterizado pela ultrapassagem de uma crise normativa psicossocial e de tarefas evolutivas a serem dominadas pelo indivíduo. Até a adolescência, os estágios seriam sobrepostos aos da teoria freudiana (Freud, 1905), muito embora Erikson enfatize a influência de fatores sócio-culturais na emergência das crises normativas, internamente determinadas. A esses estágios ele acrescenta mais quatro, cobrindo os anos de vida adulta, meia-idade e velhice. Nesta, o ser humano viveria a crise psicossocial relativa à competição entre a integridade e o desespero a primeira associada à aceitação do próprio ciclo e estilo de vida e ao esforço pela sua valorização e preservação, e o desespero significando medo da morte, depressão, revolta e sentimentos de que é tarde demais para buscar a integridade e a dignidade pessoal.

Neugarten (1963, 1964, 1969 e 1979) destaca a influência dos eventos sociais na determinação do curso de vida adulta. Para a autora, o desenvolvimento adulto é um fluxo contínuo de experiências, altamente pessoais, que são avaliadas e interpretadas pelo indivíduo que, dessa forma, cria sua história e seu meio. A busca de coerência quanto à própria história é orientada por sentidos de tempo e ritmo, que lhe permitem colocar-se num tempo socialmente definido, e avaliar se seus desempenhos e expectativas são adequados para sua faixa etária. Disto resulta um conceito pessoal de ciclo de vida normal ou esperado, que se liga ao seu auto-conceito, e que lhe permitirá um grau característico de ajustamento.

Em resumo, a partir dessas formulações teóricas e da observação empírica, pode-se dizer que o envelhecimento humano se dá em três níveis complementares: o biológico, o psicológico e o social (Bischof, 1976; Stevens-Long, 1979). O primeiro, genética e ambientalmente determinado, envolve mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas, coincidentes com um gradual declínio das capacidades do organismo. Além de ser gradual, semelhante processo se dá em ritmos diferentes para os diferentes aspectos do organismo, o que, somando-se à influência de fatores ambientais e históricos, desemboca numa imensa gama de possibilidades de desenvolvimento. O envelhecimento psicológico está ligado às mudanças comportamentais decorrentes das alterações biológicas do envelhecimento, sob a influência das normas e expectativas sociais vigentes a esse respeito. Tais mudanças se expressam a nível aberto e encoberto,

nas relações interpessoais e da pessoa consigo própria e no social. Determinam também a necessidade de novas aprendizagens e a emergência de conflitos, face às novas exigências evolutivas. O envelhecimento social está relacionado às normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que controlam, por um critério de idade, o desempenho de tarefas do grupo etário dos velhos. Conforme acentua Neugarten (1979), esses fatores dão sentido à vida de cada um, mormente numa sociedade como a nossa, estratificada por idades. É graças a tais normas, eventos, crenças e estereótipos que a velhice pode ser vista como um período de desenvolvimento, ou como um período involutivo caracterizado por decadência e declínio (Cumming e Henry, 1961; Silveira e Bento, 1982), ou ainda como a "idade dourada" (Bellak, 1975; Comfort, 1977 e Ward, 1985).

Ward (1985) acentua que a velhice é um fato social, cujo significado ultrapassa o da idade cronológica. No entanto a idéia de estratificação por idade (Riley et al., 1972, apud Ward, 1985) é subjacente ao significado de velhice em cada época e contexto cultural. Assim, as noções vigentes sobre os papéis etários afetam a avaliação das qualidades, das recompensas e da identidade, ligadas a esses papéis. Dessa forma, a maior ou menor valorização da velhice depende das percepções sociais sobre os papéis etários e das expectativas de papel quanto a velhice. Segundo Ward (1985) ainda, é seguro que tal concepção seja útil à compreensão da posição do grupo etário idoso dentro da estrutura social, mas, em contrapartida, é complexa e controversa a questão de como ela influencia a percepção pessoal de velhice dos indivíduos.

Portanto, não há dúvida de que a questão da velhice e do que e como se escreve sobre ela tem contornos sócio-culturais. Estes, por sua vez, guardam forte relação com as opiniões de indivíduos de diferentes faixas etárias sobre a questão. Ou seja, de uma perspectiva de aprendizagem social, as pessoas gradativamente desenvolvem expectativas em relação à velhice, bem como aprendem os desempenhos típicos e esperados no idoso. Fazem-no, por exemplo, através da experiência direta (Skinner e Vaughan, 1983); da propaganda (Goffman, 1976); da observação (Bandura, 1976); do relato de outrem (Staats e Staats, 1963); de conteúdos da poesia (Sohnngen e Smith, 1978); da literatura infantil de ficção (Blue, 1978); das produções de humor (Richman, 1977); do livro didático (Bonazzi e Eco, 1980); da literatura psicológica de divulgação (Sheehy, 1979; Scarff, 1980), e da televisão. Todavia, as revisões de literatura realizadas por Elliott (1984); Passut e Cook (1985) e Holtzman e Akiyama (1985) mostram que existe muita controvérsia acerca do conteúdo das mensagens televisivas sobre a velhice, que a apresentam de modo confuso, incorporando tanto estereótipos negativos e positivos, como estereótipos positivos irrealísticos. Ao mesmo tempo, as expectativas e as crenças negativas que se realizam por força da maior funcionalidade de certos compor-

tamentos do velho, em geral discriminados como indesejáveis, servem para realimentar esse processo social de educação, tanto a nível da identidade, como dos papéis sociais (Staats e Staats, 1963; Rocheblave-Spendé, 1969 e Stoetzel, 1972).

Uma área de pesquisa, que nos últimos 30 anos vem ganhando crescente importância nos países desenvolvidos, é a que se volta para a identificação de atitudes, opiniões, percepções, ou seja, fatores que funcionem como mediadores da interação dos indivíduos em várias idades com o velho, e também com suas perspectivas pessoais de envelhecimento.

Segundo Shepard (1980), a avaliação de atitudes quanto à velhice tem abrangido três temas principais: a) como as pessoas mais jovens percebem o velho (Golde e Kogan, 1959; Kogan e Wallach, 1961; Rosencrantz e McNevin, 1969, Back, 1971; Bell e Stanfield, 1973 e Kitty e Feld, 1976); b) como o velho se percebe (Neugarten, Havighurst e Tobin, 1961; Preston e Guidiksen, 1966, Carp, 1967; Oliveira, 1981; Medeiros, 1983; Paiva, 1985) e c) como adultos percebem o processo de envelhecimento (Back, 1971; Bell e Stanfield, 1973; Sheppard, 1980 e Paiva, 1985).

A importância das investigações sobre mediadores cognitivos da interação com o velho e/ou com o próprio envelhecimento, ultrapassa o da mera descrição, para abranger a área da aplicação, a nível educacional, preventivo e clínico. Um melhor conhecimento sobre o assunto pode constituir-se num útil subsídio para a programação de soluções para os complexos problemas individuais, sociais e interpessoais associados a essa mediação, bem como para a educação das gerações mais jovens para o envelhecimento.

A pesquisa ora relatada deve ser considerada como uma tentativa de contribuição à compreensão dessa questão. Trata-se de um estudo exploratório, como tal planejado para tentar definir os aspectos gerais do problema e permitir a formulação de hipóteses, identificação de regularidades e diferenças e refinamento de instrumentos de pesquisa (Seltiz et alii, 1974).

Dessa forma seus OBJETIVOS foram especificados da seguinte forma:

a) levantar opiniões de homens e mulheres pertencentes a quatro faixas etárias, de 14 a 45 anos, e a três níveis de escolaridade, a respeito do velho e de sua própria velhice;

b) buscar diferenças e semelhanças quanto a essas opiniões, com base em critérios de idade, gênero e nível de escolaridade.

MÉTODO

A — Sujeitos

Foram sujeitos nesta pesquisa 360 indivíduos, distribuídos por quatro faixas etárias — 14-18; 19-24; 25-34 e 35-45 anos — sendo 90 para

cada uma. Entre estas, metade era do sexo masculino e metade do sexo feminino. Os 45 homens e as 45 mulheres de cada faixa etária pertenciam a três outros sub-grupos de 15, segundo o critério de escolaridade (primária, secundária e superior), isto para os três grupos de 19 a 45 anos. Já a faixa de 14 a 18 anos incluiu informantes que só estudavam, que só trabalhavam e que estudavam e trabalhavam, também com 15 homens e 15 mulheres em cada sub-grupo. Os sujeitos eram voluntários e foram recrutados em escolas e empresas industriais, comerciais e de serviços públicos localizadas na cidade de São Paulo.

B — Instrumento

A coleta de dados foi realizada por intermédio de um questionário composto por 12 questões fechadas, abertas e mistas. Tais questões destinaram-se a levantar a opinião dos informantes acerca de temas relacionados à velhice: a) caracterização do velho por critérios biológicos, psicológicos, sociais e cronológicos (questões 1 e 2); b) relações sociais e familiares na velhice (questões 3, 4 e 10); c) estereótipos negativos sobre o velho (questões 5, 6, 7, 8, 9 e 11) e d) expectativas relativas à própria velhice (questão 12).

C — Procedimentos Destinados à Coleta de Dados

O questionário foi aplicado por estudantes de Psicologia instruídos para esse fim, obedecendo a dois modos de apresentação: escrito e oral (este utilizado principalmente com os sujeitos de escolaridade mais baixa). Todos os sujeitos foram informados de que se tratava de uma pesquisa de opinião e que seu anonimato estava garantido. No primeiro caso, os sujeitos puderam responder individualmente e por escrito ao questionário, em seu domicílio ou local de trabalho. No segundo, as questões eram apresentadas oralmente, uma a uma, e na seqüência previamente estabelecida, e as respostas dos entrevistados anotadas.

D — Procedimentos Destinados a Análise dos Dados

As respostas obtidas mediante a aplicação do instrumento foram tabuladas, no caso das questões fechadas. Os relatos provenientes das questões abertas ou mistas foram transcritas, tal como emitidas pelos informantes, e depois categorizadas segundo critérios estabelecidos para efeito desta pesquisa. Após a categorização, esses dados foram igualmente tabulados, para permitir as análises planejadas.

As categorias e sub-categorias estabelecidas foram as seguintes:

1. CARACTERIZAÇÃO DO VELHO POR CRITÉRIOS BIOLÓGICOS, PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CRONOLÓGICOS. Esta categoria comportou 8 sub-categorias: a) por quantidade de anos vividos;

b) por experiência de vida; c) por perdas (físicas, psicológicas, mentais e sociais); d) por necessidade de maior afeto e cuidado; e) por estereótipos negativos; f) como pessoa como outra qualquer, independente de idade; g) por experiência de vida e necessidade de maior afeto e cuidado; h) que idade ele tem: mais que 18, cerca de 30, 40, 50, 60, 70, 80 e 90 a 100 anos.

2. RELAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES NA VELHICE.

Houve aqui 3 sub-categorias: a) Para o velho solteiro ou viúvo; b) para o casal de velho; c) a participação do velho na família: c.1) papéis tradicionais; c.2) estereótipos negativos; c.3) idêntica a de outros membros, independentemente de idade.

3. ESTEREÓTIPOS NEGATIVOS SOBRE O VELHO:

a) quanto ao trabalho e à produtividade; b) quanto à indumentária; c) quanto a dirigir automóvel; d) quanto a atividade de lazer; e) quanto ao que é ridículo.

4. EXPECTATIVAS RELATIVAS À PRÓPRIA VELHICE:

a) negação; b) realce a sentimentos positivos e à auto-gratificação; c) realce à independência e participação; d) realce às relações sociais e familiares.

RESULTADOS

As respostas dos sujeitos, pertencentes às quatro categorias e suas respectivas sub-categorias, foram tabuladas segundo os critérios de faixa etária, sexo e nível de escolaridade. A partir dessa forma de agrupamento dos dados, foram realizadas comparações intra e inter-grupos, como se verá nas descrições que se seguem, apoiadas no cômputo das frequências de respostas dos sujeitos por categorias e por faixa etária, quanto aos vários critérios de análise adotados.

A — Comparações por Faixa Etária

Ao se analisar como os grupos, como um todo, se comportaram quanto à categoria 1 (Caracterização do Velho por Critérios Biológicos, Psicológicos, Sociais e Cronológicos), percebe-se que a maior concentração de respostas incidiu sobre perdas (36%), seguindo-se a sub-categoria estereótipos negativos (17,5%) e, com um número quase igual de escolhas, as sub-categorias experiência de vida (15%) e quantidade de anos vividos (14%), 5,8% dos sujeitos não responderam, e, nas outras três sub-categorias consideradas, ocorreram frequência menores de respostas.

Os sub-grupos que mais enfatizaram perdas foram os de idade superior a 25 anos, enquanto que os dois grupos mais jovens acentuaram em suas respostas os estereótipos negativos em relação ao velho. Embora com pequenas diferenças em números absolutos, houve uma diminuição no número de sujeitos que caracterizaram o velho em termos da quanti-

dade de anos vividos, à medida em que os grupos avançam em idade. O grupo jovem foi o que mais enfatizou experiência de vida e o de 19 a 24 anos o que mais realçou estereótipos negativos em suas opiniões. Quanto a necessidade de maior afeto e cuidados ao idoso, percebe-se um aumento na freqüência de respostas da primeira até a terceira faixa etária consideradas, e uma diminuição acentuada na faixa dos indivíduos mais velhos.

E que idade tem o velho ? Para 22,2% dos sujeitos, pode-se ser velho em qualquer idade, mas para 57% deles o velho tem acima de 60 anos. Aliás nessa faixa etária incidiram 23,6% do total de respostas, e 41,4% do total das respostas dos sujeitos que remeteram a velhice para além dos 60 anos. 20,2% do total dos sujeitos localizam a velhice na casa dos 70 anos; 9,1% na dos 80 e 3,8% nas dos 90 — 100 anos. Em compensação, 10,8% a anteciparam para os 50 anos. As outras três idades obtiveram menor número de menções, mas é interessante notar que só os jovens a localizam aos 40 anos (5,5% do total de opiniões).

As três comparações que se seguem são referentes às opiniões dos grupos quanto às relações sociais e familiares na velhice (categoria 2).

Segundo 54,1% dos informantes, velhos solteiros ou viúvos devem morar com a família (parentes ou filhos), contra 19,4% que acharam que devem morar sós e apenas 7,2% em instituições; 4,7% acharam que devem morar com amigos; 6,3% opinaram que a opção é pessoal e outros 6,3% deram respostas alternativas.

O sub-grupo etário que mais opinou a favor de que os velhos sós devem morar com os filhos foi o dos adolescentes e o que menos o fez foi o de 19—24 anos. Os sujeitos de 19—24 anos foram os que menos opinaram a favor da moradia de velhos sós com parentes, e mais com amigos. Embora com freqüência pequena, os adolescentes foram os que mais opinaram a favor da residência de velhos sós em instituições.

Na opinião de 43,8% dos respondentes, casais de velhos devem morar sozinhos, mas 32% indicaram que devem morar com familiares (parentes, filhos e parente ou filhos); 3% os localizaram morando com amigos e 4,1% em instituições; 3,8% acharam que a opção é do casal; 7,5% deram respostas alternativas; 5% não responderam e 2,2% dos sujeitos opinaram por qualquer local, menos instituição.

Os sujeitos entre 25 e 45 anos foram os que mais optaram pela alternativa "sozinhos"; os adolescentes, os que mais escolheram "com filhos", seguidos da faixa de 25—34 anos. Iguamente, foram os adolescentes que mais opinaram a favor de "com parentes" e "em instituição".

Perguntados sobre como deve ser a participação do velho na família 85,5% opinaram em favor de papéis tradicionais (consultor, pela sua experiência; respeitado, por ser velho; dar ajuda e receber ajuda) e 2,8% das opiniões indicaram estereótipos negativos (não deve atrapalhar e não

deve ser consultor porque não entende dos problemas atuais). Já 6,6% dos sujeitos acharam que ele não deve atrapalhar, mas lhe atribuíram os papéis tradicionais. Para 3,7%, o velho deve ser incentivado a participar da vida familiar, como qualquer outro.

Não houve praticamente diferença entre os sub-grupos de idade quanto a esta questão, em que 85,5% dos informantes opinaram a favor do velho desempenhar papéis tradicionais na família. A frequência de opiniões negativas foi baixa (2,8%), e ainda, 6,6% dos sujeitos as ressaltaram com a atribuição de papéis tradicionais.

Prosseguindo com a análise, foi considerada a seguir, a categoria 3, que focalizou trabalho e produtividade, indumentária, dirigir automóvel e lazer para o velho.

Quanto a trabalho e produtividade, 50,8% dos sujeitos opinou que a opção por trabalhar ou não é do próprio velho. Segundo 25,5% dos informantes ele deve executar um trabalho leve e/ou de menor responsabilidade, mas 15,5% pensam que não deve trabalhar, porque tem direito a descanso, contra 1,5% porque só atrapalha; 5,1% condicionou o trabalho às suas condições (3,9%) ou necessidades psicológicas (1,2%). Poucos (0,5%) pensam que ele deva ocupar-se de obras de caridade.

A idéia de que a opção do velho pelo trabalho é assunto pessoal foi constante nos grupos. Os sujeitos de 35—45 anos, por sua vez, indicaram em maior número que os demais, que o velho deve ater-se a um trabalho mais leve e/ou de menor reponsabilidade. Este mesmo grupo foi o que apresentou menor frequência de resposta quanto a "não", porque tem direito a descanso", ao inverso do grupo de adolescentes que foi o que mais opinou em favor disso.

Para 63,4% dos informantes, o velho deve vestir-se segundo uma moda própria, enquanto que 20,9% disseram que ele deva andar na moda. Só para 6,1% dos opinantes, o velho deve vestir-se como quiser. Não apareceram diferenças dignas de nota entre os sub-grupos, quanto a este aspecto.

Quanto a dirigir automóvel, apenas 5,3% dos sujeitos foram categóricos quanto a achar que o velho deva dirigir, em qualquer circunstância, e 8% que não, em qualquer circunstância. 2,5% atrelaram essa impossibilidade aos reflexos mais lentos do velho. 75,3% dos informantes indicaram que o velho deve dirigir automóvel, desde que tenha boas condições físicas e psíquicas. É interessante notar que 2,5% das opiniões favoráveis foram ressaltadas pelas condições do trânsito ("longe do trânsito intenso"). Já 6,4% dos sujeitos aparentemente privilegiam o velho na condução de automóveis, aludindo à sua (maior) responsabilidade (que os jovens). E foram exatamente os dois grupos mais jovens que mais externaram tal opinião. Com o avanço da idade, os grupos etários privilegiaram em suas opiniões a presença de boas condições físicas e psíquicas.

Quanto a atividades de lazer apropriadas aos velhos, 48,9% dos sujeitos opinaram que a opção é do próprio interessado, e 10,2% parecem corroborar essa opinião, ao indicar que o velho deve divertir-se fora e dentro do lar. Dentre os sujeitos, 11,2% ligaram divertimento a família e/ou a lar. Para 15,5% divertir-se é fora de casa, mas para 3,3%, é em ambientes calmos. As respostas mais estereotipadas correram por conta de "dedicar-se a obras assistenciais" (0,81%), "velho não tem direito à diversão" (0,51%) e "qualquer atividade que não perturbe" (2,5%).

Opinando quanto ao que é impróprio a um velho fazer para se divertir, 26,4% acham que nada é impróprio, enquanto que para 40,4% dos sujeitos a inadequação estaria ligada a ir além dos limites da idade (atividades além da capacidade física — 24,5% — ter atividades típicas de jovens 15,9% — e empreender atividades que dêem preocupação e desgaste emocional — 15,9%). Para 9,3% dos sujeitos, a inadequação no divertir-se teria conotações morais (prejudicar o conceito de outrem — 6,1% — e atividades imorais — 2,2%). O isolamento e a volta ao passado são vistos como inadequados por 2,8% dos sujeitos e incomodar os outros por 0,81%. Para 8% dos informantes, impróprio é o velho fazer o de que não gosta.

Os sujeitos mais velhos se preocupam mais com limites físicos e/ou etários e os jovens foram os que mais opinaram que nada é impróprio, e que impróprio é prejudicar o conceito de outrem.

Um velho ridículo, para 25,9% dos sujeitos, é o que não aceita a velhice, que se traça (8,8%) ou que se comporta (13,6%) inadequadamente. Um velho pode ser ridículo perturbando os outros (10,9%) ou deixando-se dominar por eles (6,1%). Ser desatualizado ou alienado (6,6%) ou então sentir-se velho (2,2%) também tornam um velho ridículo. No entanto, para 20,5% dos sujeitos não há velho ridículo. O ridículo perde a importância na avaliação do velho, conforme aumenta a faixa etária dos sujeitos, assim como a roupa, o comportamento inadequado e o perturbar os outros. As faixas de 25 a 45 anos foram as que mais viram ridículo na não aceitação da velhice.

Finalmente, o questionário investigou expectativas dos sujeitos quanto à própria velhice (categoria 4). Quanto a este tópico, a tônica foi o realce à independência e à participação (39,5%), às relações sociais e familiares (23,9%), e aos sentimentos positivos e à auto-gratificação (15,5%), totalizando 78,9% das respostas. No entanto 19,1% dos sujeitos apresentaram respostas indicativas de negação, sem grandes diferenças entre os grupos etários. Os sub-grupos de 19 a 34 anos foram os que mais realçaram as relações familiares e sociais, os adolescentes os que mais o fizeram quanto a sentimentos positivos e auto-gratificação e os de 35—45 anos os que mais indicaram independência e participação.

B — Comparações por Sexo

A análise precedente e os dados da literatura sugeriram que as comparações intra e inter-grupos, levando-se em conta a variável sexo, fossem realizadas em relação a alguns aspectos selecionados. No caso, estas foram as categorias 1 e 4 e as sub-categorias 2c e 3a. Como se sabe, elas se referem respectivamente à caracterização do velho e às expectativas quanto à própria velhice, à participação do velho na família e ao trabalho do idoso.

Assim, ao se analisar como os homens e as mulheres das quatro faixas etárias percebem o velho, segundo critérios biológicos, psicológicos, sociais e cronológicos (categoria 1), observou-se que ambos os grupos de sexo enfatizam as perdas (38,4% dos homens e 33,9% das mulheres). A seguir as respostas dos homens ressaltaram igualmente a quantidade de anos vividos e os estereótipos negativos (1,5% em cada categoria). Já as mulheres, pela ordem, ressaltaram os estereótipos negativos (19,5%) e experiência de vida (18,4%) e, depois, a quantidade de anos vividos (13,4%). A frequência de respostas relativas a perdas aumenta com a idade dos sub-grupos masculino e feminino e a dos estereótipos negativos diminui excluída a faixa de 19–24 anos. Foram os homens e mulheres na faixa de 19–24 anos que mais atribuíram conceitos negativos à velhice. As opiniões referentes a quantidade de anos vividos e a experiência de vida também diminuíram em frequência, à medida do aumento da idade dos grupos.

Para 26,1% das mulheres e para 18,4% dos homens a velhice é uma questão de "estado de espírito". No entanto, 47,2% dos homens e 40,5% das mulheres localizaram-na na faixa dos 60–70 anos. As mulheres, mais que os homens, empurraram a velhice para as idades mais avançadas (80–90–100 anos). Mais homens do que mulheres anteciparam-na para os 50 anos (13,4%, contra 8,3%). Foram as mulheres de 19–24 anos e as de 35–45 anos que mais classificaram a velhice como um "estado de espírito". De um modo geral, os quatro sub-grupos de idade e sexo tenderam a balizar a velhice pelo limite tradicional (acima de 60 anos).

Os homens e as mulheres focalizados pela pesquisa se vêem como independentes e participantes na velhice (37,2% e 41,7% respectivamente). A seguir, os homens apresentaram mais respostas de negação que as mulheres (21,6% e 16,7%), mas as mulheres acentuaram mais os sentimentos positivos e a auto-gratificação. As mulheres adolescentes foram as que mais opinaram em favor de sentimentos positivos e auto-gratificação, e que menos realçaram as relações familiares.

Ao opinarem sobre como deve ser a participação do velho na família, 83,3% dos homens e 87,7% das mulheres emitiram respostas incluindo papéis tradicionais, contra uma frequência bem menor de opiniões negativas, ou que combinaram papéis tradicionais e estereótipos negativos. As diferenças entre os grupos foram pequenas.

Para 55,0% dos homens e 46,7% das mulheres a questão de trabalhar ou não deve ser resolvida pelo próprio idoso. Os homens, mais que as mulheres, acharam que ele deve desempenhar tarefas mais leves e de menor responsabilidade (26,6% e 24,5% respectivamente), e, coerentemente com isso, mais homens (18,3%) do que mulheres (12,8%) acharam que ele não deve trabalhar, porque tem direito a descanso. Mais homens acharam que velho só atrapalha no trabalho, e mais mulheres condicionaram seu trabalho às suas capacidades. Homens na faixa dos 33 — 45 anos e mulheres na dos 25—34, foram os que mais acharam que o velho deva dedicar-se a trabalhos mais leves e de menor responsabilidade.

C — Comparações por Nível de Escolaridade

Com base em critérios empíricos, as comparações por nível de escolaridade também foram realizadas sobre categorias selecionadas. Os temas escolhidos foram: a participação do velho na família (sub-categoria 2c) e no trabalho (sub-categoria 3a), e, ainda, a questão do ridículo (sub-categoria 3c). A análise compreendeu a totalidade dos sujeitos masculinos e femininos pertencentes às faixas etárias de 19 a 45 anos. O sub-grupo de 14 — 18 anos não foi levado em conta para estas comparações, por considerar-se que parte de seus componentes ainda estariam por completar sua escolarização.

Ocorreu relativa semelhança nas freqüências de opiniões dos três grupos de escolaridade, quanto às quatro sub-categorias consideradas, relativamente à participação do velho na família. No entanto, o sub-grupo que atribuiu mais papéis tradicionais ao velho na família foi o de escolaridade primária.

Quanto a se o idoso deve ou não trabalhar (sub-categoria 3a), ocorreu um dado interessante: a opinião de que isso depende da opção do velho é mais compartilhada pelos indivíduos de nível superior de escolarização (70% das respostas), ao passo que os de nível primário, numa proporção de 74,4% das respostas desse sub-grupo, opinaram que ele deve, ou trabalhar em algo mais leve ou de menor responsabilidade (43,3%), ou então descansar (31,0%), já que tem esse direito. Estas opiniões deste grupo preponderaram sobre as dos dois outros grupos de escolaridade.

As opiniões quanto ao que é um velho ridículo (sub-categoria 3c) foram mais dispersas do que as relativas ao trabalho do idoso, mas mesmo assim indicam alguns aspectos interessantes. Assim, à medida em que sobe o nível de escolaridade dos sub-grupos, seus informantes tendem menos a achar que há velhos ridículos e a focalizar como ridícula a não-aceitação da velhice. Foi no sub-grupo de escolaridade primária que se ressaltou mais os estereótipos negativos em relação a roupas e comportamentos. Na verdade, os dados referentes a essa questão poderiam ser

recategorizados entre "não existe velho ridículo" e "existe, e suas características são...". Por esse prisma, 81,1% dos sujeitos de escolaridade primária, 72,2% dos de nível secundário e 58,8% dos de nível superior indicaram estereótipos negativos quanto ao velho.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa pretendeu levantar opiniões de indivíduos pertencentes a quatro diferentes faixas etárias a respeito da velhice. Buscou semelhanças e diferenças em suas verbalizações, considerando não só o fator idade dos respondentes, como também seu sexo e nível de escolaridade.

Existe abundante literatura de pesquisa, exemplificada na Introdução, tratando da importância dessas variáveis, como determinantes ou concomitantes de atitudes, percepções, opiniões, crenças, expectativas e estereótipos sobre a velhice, os quais, independentemente do nome que se lhes dê, atuam como importantes mediadores da interação entre indivíduos pertencentes às várias faixas etárias e o velho. Isto é, os elementos para a percepção do velho, dos modos como ela se dá, tanto a nível social como do individual, estão no ambiente social. Há várias práticas responsáveis pela transmissão desses elementos. Independentemente da sua fonte (família, escola, livro-didático, religião, psicoterapia, meios de comunicação de massa, governo ou trabalho), dos meios utilizados, dos fins a que responde essa transmissão, e de sua ideologia, o que existe de central nessa questão toda é que essa transmissão funciona. E funciona de tal maneira que, os indivíduos acabam assumindo conhecimentos, estereótipos e auto-conceito como algo estritamente pessoal, interno e auto-gerado.

Não só admitem isto, como desenvolvem um comportamento verbal funcional permitido e valorizado pela comunidade verbal de que fazem parte, o qual é útil para a compreensão, a avaliação, a descrição, a predição e a idealização de seus semelhantes. Talvez aí resida o cerne da questão da influência dos fatores aqui citados como mediadores da interação entre pessoas de diferentes faixas etárias e o velho, do velho com o velho, do velho consigo próprio e das pessoas mais jovens com seu próprio envelhecimento. Desvendar essas relações é central ao intento de se lidar com esses processos, inerentes às relações sociais dos idosos.

Sob essa ótica, talvez até os itens incluídos no questionário com que se coletaram os dados terão afetado — e não se sabe quanto — o conteúdo das respostas obtidas. A referência não é, entretanto, a questão da quantidade, nem de um possível viés do pesquisador, nem dos efeitos do instrumento de pesquisa sobre o objeto pesquisado, tão debatido na literatura e na prática de pesquisa em Ciências Sociais (a esse respeito, ver por exemplo Thiollent, 1982). Trata-se, sim, de uma

questão muito mais sutil — a de que o pesquisador que elabora seu instrumento é, ele próprio, parte do problema pesquisado. Ou seja, os itens que “fecharam” as alternativas das questões ditas “fechadas” foram sugeridos pela experiência e pela literatura gerontológica com os quais se relacionam tanto o pesquisador como seus sujeitos, e que se refletem nos conhecimentos do pesquisador e no auto-conceito dos sujeitos. Não há como separar uma coisa da outra. A neutralidade é muito mais uma atitude que se impõe ao pesquisador do que uma realidade prática. De modo que o questionário não foi, nesse sentido, neutro, nem foi independente do verbal utilizado habitualmente pelos informantes, para falarem e pensarem sobre a velhice. Se fosse diferente, não seria compreendido; nem o pesquisador compreenderia os dados. Adicionalmente, mesmo os itens definidos como abertos ou mistos, em que o informante está mais livre para responder, também implicam as mesmas questões ora em discussão, muito embora signifiquem uma abertura aos dados oferecidos pelo informante.

Em resumo, o que se quer dizer com essa argumentação, a respeito da permeabilidade entre o social e o individual na determinação do comportamento verbal referente à velhice é que a variabilidade observada nas respostas dos sujeitos reflete a variabilidade, ou confusão mesmo, que vigora na comunidade verbal, quanto ao tratamento dessa questão. Posto isso, cumpre agora discutir alguns aspectos das semelhanças e diferenças observadas.

O primeiro aspecto a ser considerado é que os grupos etários mais jovens apresentaram opiniões menos realísticas sobre a velhice. Nessa falta de realismo sobressaíram, por um lado, aspectos excessivamente positivos e idealizados e, por outro, estereótipos acentuadamente negativos sobre os velhos. O sub-grupo mais realista em relação à avaliação das características do idoso terá sido o de 35 — 45 anos. Esses dados são congruentes com dados de pesquisas anteriores, como, por exemplo, a de Bell e Stanfield (1973). Esses resultados talvez possam ser interpretados à luz do fato que, inversamente ao que ocorre com os mais jovens, o sub-grupo de adultos mais velhos está mais em contato com a realidade das limitações e imperfeições da velhice, uma vez que essa é a geração socialmente encarregada do contato mais próximo e do cuidado da geração mais idosa.

A propósito disto, a literatura gerontológica (ver por exemplo Brody, 1981) veicula a expressão de “mulher do meio” para designar aquela faixa etária correspondente ou próximo à meia-idade das mulheres, em que elas, ao mesmo tempo em que se vêem mais próximas da realidade da própria velhice, são oneradas pelos cuidados devidos aos idosos. Talvez por esses motivos, são simultaneamente mais realistas e mais idealistas em suas avaliações sobre as características e a idade do velho, quer apontando

as perdas e inadequações inerentes a essa fase, quer empurrando a velhice para um momento o mais tardio possível. Esse momento coincidiria com a ocasião no ciclo de vida humana, em que se torna impossível negar ou evitar as limitações biológicas da velhice, as mesmas que determinam parte de seus problemas atuais com os velhos (de quem têm que cuidar), e com quem, portanto, não querem assemelhar-se.

Voltando ao jovem, este teria uma perspectiva muito mais longínqua da própria velhice, por estar no vigor dos anos, no seu apogeu físico e em pleno gozo da valorização social vinculada a esses atributos. Porém, ao mesmo tempo, talvez esse grupo etário seja o mais vulnerável e algumas características negativas do velho. Esse potencial aversivo seria até incrementado pela intermediação dos pais desses mesmos jovens, que têm que conviver mais proximamente aos velhos, enfrentando as contradições mencionadas no parágrafo precedente.

Dentre os grupos mais jovens que apresentaram mais opiniões negativas em relação ao velho, o sub-grupo de 19 – 25 anos foi o mais negativo, e nesse particular não houve diferenças entre os sexos. Quanto a este dado, talvez se possa reenfatar a idéia de que esse sub-grupo teria mais chance de estar em contato com a estimulação aversiva potencial propiciada pelo comportamento do velho. Nesse momento de suas vidas, esses jovens estão ingressando no mercado de trabalho, na parentalidade e na vida conjugal (Havighurst, 1973), e em todos, de um modo ou de outro, têm de se confrontar com o velho. No trabalho, o jovem, principalmente masculino, almeja a vaga, o status e o poder do velho, e tem seu acesso dificultado ou impedido pela presença dele. Na vida conjugal e na parentalidade, aspira à liberdade e a auto-determinação para experimentar novas idéias ou desempenhar seus novos papéis, e com freqüência são obstados pelos velhos, quer pelas suas ações, quer pelo peso de sua influência na história de vida do jovem (Galinsky, 1981).

Na análise dessa aparente incongruência, é importante mencionar ainda que talvez a "incompatibilidade" entre eles, as mulheres de 35 – 45 anos e o velho, dependa do fato de que são mais susceptíveis, ou então mais expostos à ideologia do novo, veiculada por exemplo, pela propaganda, pelas obras de ficção impressa e televisiva e pela imprensa feminina (Buittoni, 1981). Nesses contextos, ou o velho e a velhice não são valorizados, sendo mostrados com baixa freqüência, ou então têm acentuadas as suas características jovens, num tipo de ocorrência que Holtzman e Akyiawa (1985) chamaram de "estereótipo positivo reverso". É o caso do velho ser apresentado com roupas jovens, em atividades esportivas vigorosas, cometendo excessos sexuais e guiando moto, por exemplo. Aí, não é para o ridículo da situação que se quer chamar atenção, pois isso teria que ser visto como um efeito mais direto dos estereótipos negativos dos mais jovens contra o velho. Parece mais importante ressal-

tar que semelhantes conteúdos interferem no mito da rebeldia do jovem (Erikson, 1971) que segundo a tradição diferenciaria socialmente os moços dos velhos. Assim, se o velho é jovem, contra quem o moço se rebelaria? Concluindo, tanto o "conservadorismo" como a "modernidade" do idoso desafiam e propõem controvérsias aos adolescentes. Daí talvez as idealizações — o velho é bom, tranqüilo, aceitador ou bem aceito, como o jovem quer se quando velho, ou o velho é inadequado, e por isso velhice é um "estado de espírito".

Nesse contexto de análise, o tema da família também é recorrente. Em outras palavras, talvez essas idealizações e realismos se reportem aos mitos da família extensa, do respeito devido ao velho, do seu poder e sabedoria (Rossi, 1980; Galinsky, 1981 e Alpert, 1982). No entanto, eles são historicamente presentes e possíveis num outro tipo de família, mas são incompatíveis com o processo atualmente observado de nucleação familiar. Possivelmente seja por isso que os homens e mulheres pesquisados vejam o velho atualmente, e se vejam como velhos no futuro, desempenhando os papéis familiares tradicionalmente reservados ao velho e usufruindo do status conferido por eles. A literatura confirma que as controvérsias e conflitos relativos aos mitos da família extensa e aos papéis tradicionais do velho nesse tipo de família são um dado mundial, como mostraram Chow, Doathand, Fadel-Girgis, Maeda, Wehl e Worach-Kardos, no Simpósio Internacional sobre a família como fonte de apoio ao idoso, realizado em 1983 pela Gerontologic Society of America.

Contribuiriam, outrossim, para o recrudescimento desses mitos, as questões existentes em torno da responsabilidade da família pelo cuidado do velho; da sua independência e auto-governo e de sua atuação no cuidado e educação dos netos (Brody, 1981; Deutscher, 1964; Messer, 1968; Kahana e Kahana, 1970 e Townsed, in Rebelsky, 1975).

Tipicamente, os sujeitos mais jovens opinaram em favor de que o velho sozinho, ou os casais de velhos, devem morar com seus familiares, enquanto que os mais velhos os querem morando sozinhos. Talvez aqui também se possa mencionar a experiência diferencial dos grupos: o jovem idealiza porque não mora junto e/ou porque não cuida, ou então, ainda, porque sua velhice está longe. Já os mais velhos consideram o que os incomoda hoje e idealizam a própria velhice, negando esses aspectos. Paralelamente, pouco se apontou a residência em instituições ou com amigos, quíça em virtude da vigência dos mitos da família e dos papéis tradicionais do velho, quíça porque nem a institucionalização, nem as redes institucionais ou mesmo as redes informais de apoio (Pynoos et al., 1984) ao velho e suas famílias existam de fato no Brasil. Quando existente, a alternativa da institucionalização do idoso é gravemente estigmatizada (Canoas, 1984). Viver com amigos é uma alternativa crescentemente em curso em países onde, por vários motivos, o velho depende

menos de sua família, mas onde, em contrapartida, pode contar com redes de apoio institucional, diferentes dos asilos, que porém lhe permitem acesso diário e permanente a serviços médicos, odontológicos, paramédicos, psicológicos, sociais, de lazer, de alimentação, higiene e vestuário (Newman e Struyk, 1984; Birnbaun et al., 1984; Branch e Stuart, 1984; Wagner, 1985).

Há também o dado de como os grupos de idade, sexo e escolaridade opinaram em relação à participação do velho na família. Praticamente não houve diferenças entre os grupos quanto à ênfase ao desempenho de papéis tradicionais. Pode-se interpretar o dado referente ao grupo de escolaridade primária, à luz da evidência sociológica de que é o segmento de escolaridade mais baixa o mantenedor preferencial dos valores e da ideologia tradicionais. Talvez as necessidades econômicas imponham também a essas famílias formas de relacionamento e papéis típicos da família extensa (como por exemplo tomar conta dos netos, para que os adultos jovens possam trabalhar). Além disso, velhos e moços desse nível estariam mais interligados pelos serviços que, por força de imperativos econômicos, a família tem que prestar ao velho. Por outro lado, esperar-se-ia que à medida em que aumenta o nível de escolaridade, abram-se perspectivas para a alteração de papéis tradicionais, o que não é congruente com os dados da pesquisa ora relatada, talvez em virtude da vigência das idealizações sobre o papel tradicional na família extensa, já comentadas nesta discussão.

Com mais freqüência do que as mulheres, os homens opinaram que os velhos devem executar trabalhos mais leves e de menor responsabilidade, e descansar "porque têm direito". Isto se deveria ao fato que eles têm melhor visão social do significado da aposentadoria e da competição com o velho no mercado de trabalho, pela própria importância que os papéis ocupacionais têm na vida do homem adulto (Falconnet e Lefaucher, 1977). O trabalho ser-lhes-ia um fardo demasiado pesado e o afastamento dele pelo "descanso" uma visão fantasiosa da aposentadoria, como forma de libertação do trabalho. Este dado é congruente com os resultados de Oliveira (1981) sobre o significado da aposentadoria para ferroviários da extinta Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Por outro lado, manter-se em trabalhos mais leves e de menor responsabilidade, cumpriria simultaneamente o imperativo de atendimento da necessidade de status e de poder, ligados à produtividade, à participação e à independência propiciadas pelo trabalho. Não terá sido casual o dado de que os homens se vêem, mais que as mulheres, como independentes e participantes na velhice.

Ainda, retomando a visão eriksoniana sobre crises normativas psicossociais, o realce dado pelos homens ao desempenho de papéis familiares na velhice estaria ligado ao fato que, por imposições do trabalho, o

homem ficaria relativamente mais privado que a mulher de desenvolver relações de intimidade, e então idealizaria a velhice como a época de cobrir essa lacuna. Quanto à mulher, a aposentadoria a libertaria para a vivência de sentimentos pessoais positivos e auto-gratificação, ela que, tendo cuidado dos filhos e/ou trabalhando fora de casa antes da meia-idade, terá simultaneamente vivenciado os conflitos de intimidade x isolamento e geratividade x estagnação. Nesse sentido ela seria mais favorecida do que o homem, que seria socialmente privado da oportunidade de vivências afetivas íntimas dentro da família (Falconnet e Lefaucher, 1977).

Interessantemente, foram os grupos de escolaridade primária os que mais opinaram que o velho deve descansar e/ou trabalhar em coisas mais leves. Talvez pela própria experiência desse grupo, para o qual a aposentadoria tenha mais um significado de libertação das condições aversivas do trabalho, que chegam a tornar superior às suas forças continuar trabalhando até o limite de 30 anos de serviço para a aposentadoria (Oliveira, 1981; Henry, 1971; Powers e Goudy, 1971). No entanto, em indivíduos de escolaridade superior, o "descanso" propiciado pela aposentadoria pode configurar-se como aversivo, exatamente pela gratificação que derivam do trabalho e da experiência, como o mostram os depoimentos de psicólogos que estão hoje próximos dos seus 80 anos, e ainda produtivos, se bem que agora ao nível da transmissão de sua experiência de vida (a propósito, ver Keller, 1982, e Skinner e Vaughan, 1983). Em suma, conforme acentuam vários analistas, essa questão se resume no tipo de relação do trabalhador adulto com o seu trabalho.

Ainda no tocante ao binômio trabalho-aposentadoria, o contato direto com a realidade da aposentadoria — em nossa realidade aviltante, punitiva e rebaixadora do padrão de vida e do auto-conceito do velho, que terá aprendido a sua vida toda a vê-la como um justo prêmio — deve acarretar alterações na visão das razões pelas quais o velho deve ou não trabalhar. Explicando, nenhum dos respondentes disse que o velho deve trabalhar por necessidade econômica, talvez pela falta de contato com essa realidade da aposentadoria, em virtude da sua idade.

Por outro lado, a maior proximidade do grupo etário masculino de 35 — 45 anos desse importante evento social, teria determinado a antecipação da velhice para 50 anos por parte desse grupo, relacionando assim o que é socialmente relacionado: improdutividade e velhice. Adicionalmente, os 50 anos demarcam o declínio da atividade sexual masculina, um outro parâmetro de produtividade e poder (Paiva, 1985).

Complementando esse dado a respeito da idade da velhice, não terá sido gratuito que os mais jovens tenham sido os que mais localizaram nos 40 anos a passagem para a velhice. Assim, esta parece ser, socialmente falando, a idade em que as pessoas dão, ou esperam dar, um ba-

lanço em suas vidas, segundo os critérios de um "relógio social", que lhes revelará se estão "em dia", "adiantados" ou "atrasados" em relação ao seu grupo etário, quanto aos vários aspectos de sua produtividade e generatividade e tendo como evento balizador os anos de velhice (potencialmente menos produtivos e insuficientes para muitas realizações) (Neugarten, 1979).

Enfim, a velhice é ou não um "estado de espírito" ? Para os informantes que localizaram a velhice "em qualquer idade" (mais as mulheres do que os homens), defini-la dessa forma significaria a possibilidade de que os aspectos biológicos não afetem as pessoas. Ao mesmo tempo, significaria a acentuação dos aspectos psicológicos caracterizados como jovens, e socialmente valorizados por esse motivo.

Dito de outra forma: "a velhice dos outros" é caracterizada por perdas e pela emergência de várias características indesejáveis, mas "a minha velhice" será positiva, pois conservarei "no espírito" a juventude, até os limites do biologicamente possível. Esse é o dado que se resalta na análise da questão sobre as expectativas a respeito da própria velhice.

Poder-se-ia incursionar por vários outros temas e sub-temas, dentre os focalizados pelo questionário — como os do *ridículo*, de roupas, do lazer, da condução de automóveis. Mas eles são caudatários dos já mencionados nesta discussão, na medida em que estão imbricados na questão da avaliação da velhice. Assim, ser velho, depende de como as pessoas respondem aos padrões, expectativas, papéis e características de velho, que se consubstanciam por exemplo em roupas (velho tem ou não tem moda própria ?), atividades, beleza, força, produtividade, participação e independência, e do que estas coisas significam para a sua identidade. Pode parecer paradoxal, mas dizer que a velhice é um "estado de espírito", bem resume a variabilidade e a confusão dos conceitos vigentes sobre velhice, dos quais os dados apresentados e discutidos são uma amostra.

A generalidade dos dados apresentados e o alcance de sua discussão por certo estão limitados pela natureza exploratória da pesquisa. No entanto, sua maior utilidade reside na indicação de que esse é um tema rico e complexo. De sua adequada caracterização, a partir de métodos mais sofisticados de coleta do relato verbal, de conteúdo inclusive sugerido por este estudo, pode depender a tomada de decisão quanto a outras pesquisas e a programas de atuação.

ABSTRACT

A 12-item questionnaire assessing opinions about aging was designed and administered to 360 subjects whose ages ranged from 14 to 45 anos, grouped, by age, sex and instruccional level criteria. The ques-

tionnaire covered four themes – a) characterization of aged person by biological, psychological, social and chronological criteria; b) social and familiar relationships; c) negative stereotypes about aged persons; and d) expectancies about own aging. The obtained opinions were ranged in 4 categories and 17 subcategories. The data revealed great variability of opinions, analysed as a reflection of the confusion about aging, existing in the society. In a general manner, aging was related with loses, negative characteristics and more need for care. The myths about extensive family and about tradicional roles of the aged were confirmed. Males, more than females, emphasized loses and need for retirement in aging, while females emphasized the negative characteristics of the aged person. The adolescents and youths were less restritive than older adults about the leisure, fashion and independence of the aged. The males see himself as independents and actives, when aged, while the females accentuated positive fellings and auto-gratification. Independently of their scholarity level, the subjects showed conservativeness about the roles of the aged in family. The subjects with elementary scholarity level emphasized the aged's right to retirement.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPERT, J. L. – Theoretical Perspectives on the Family Life Cycle. *The Counseling Psychology*, 1982, 9(4), 25-34.
- BANDURA, A. – *Social Learning Theory*, Englewood Cliffs, New York, Prentice-Hall, 1976.
- BACK, K. W. – Transition in Age and Self Image. *International Journal of Aging and Human Development*, 1971, 2, 144-147.
- BELLACK, L. – *Los Mejores Años de la Vida*, Buenos Aires, Lidium, 1979, traduzido do original americano de 1975, por L. Calvera.
- BELL, B. D. and STANFIELD, G. G. – Chronological Age in Relation to Attitudinal Judgements: An Experimental Analysis. *Journal of Gerontology*, 1973, 28, 491-496.
- BIRNBAUM, H.; BURKE, R.; SWEARING, C. and DUNLOP, B. – A Five-Year History of Targeting Home Care Services to Prevent Institutionalization, *The Gerontologist*, 1984, 24(4).
- BISCHOF, L. – *Adult Psychology*. N.Y.: Harper and Row, 1976.
- BLUE, G. F. – The Aging as Portrayed in Realistic Fiction for Children 1945-1975. *The Gerontologist*, 1978, 18(2), 187-192.
- BONAZZI, M. e ECO, U. – *Mentiras que Parecem Verdades*. S.P.: Summus, 1972 (Trad. do orig. em italiano por Giacomina Faldini).

- BRANCH L. G. and STUART, N. E. — A Five-Year History of Targeting Home Care Services to Prevent Institutionalization. *The Gerontologist*, 1984, 24(4), 387-391.
- BRODY, E. — The "Middle Woman" and The Family Support for the Elderly. *The Gerontologist*, 21(5), 33-45.
- Parent Care as a Normative Family Stress. *The Gerontologist*, 1985, 25(1), 19-29.
- BITTONI, D. H. S. — *Mulher de Papel. A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira*. S. P.: Ed. Loyola, 1981.
- CANÔAS, C. S. — *A Condição Social do Velho*, S. P.: Cortez, 1984.
- CARP, F. M. — Attitudes of old persons toward themselves and toward others. *Journal of Gerontology*, 1967, 22, 30-8-312.
- COLE, T. R. — The Prophecy of Senescence: G. Stanley Hall and the Reconstruction of Old Age in America. *The Gerontologist*, 1984, 24(4), 360-366.
- COMFORT, A. — *A Boa Idade*, São Paulo, Difel, 1979, traduzido do original americano de 1977 por N. Nascimento.
- CUMMING, E. e HENRY, W. — *Growing old: the Process of disengagement*, New York, Basic Books, Inc., 1961.
- DEUTSCHER, I. — The Quality of Postparental Life: Definitions of the Situation. *J. of Marriage and Family*, 1964, 26, 52-59.
- ELLIOTT, J. — The Daytime Television Portrayal of Older Adults. *The Gerontologist*, 1984, 24(6), 628-633.
- ERIKSON, E. — Eight Ages of Men. In *Childhood and Society*. N. Y.: Norton, 1950.
- Identify, Youth and Crisis*, N. Y.: Holt, 1955.
- Reflexiones Acerca del Desconformismo en la Juventud. *Cuadernos de La SA.P.P.I.A.*, 1971, 1, 35-65.
- FALCONNET, G. e LEFAUCHER, N. — *A Fabricação dos Machos*. RJ., Zahar, 1977 (Trad. do orig. francês de 1975, por Clara-Ramos).
- FREUD, S. — Três Ensaio para uma Teoria Sexual (1905). In *Obras Completas*, Vol. I, parte VII. Madrid: Biblioteca Nova, 1967.
- GALINSKY, E. — *Between Generations the Six Stages of Parenthood*. N.Y.: Teses Books, 1981.
- GOFFMAN, E. — *Gender Advertisements*. London: Harper and Colophon Books, 1976.
- GOLDE, P. and KOGAN, N. — A sentence completion procedure for assessing attitudes toward old people. *Journal of Gerontology*. 1959, 14, 355-363.

- HAVIGHURST, R. E. — History of Developmental Psychology: Socialization and Personality Development Through Life Span. In P. B. Baltes and K. W. Schaie (Eds.), *Personality and Socialization*, N.Y.: Academic Press, 1973.
- HENRY, W. E. — The Role of Work in Structuring Life Cycle. *Human Development*, 1971, 14, 125-131.
- HOLTZMAN, J. M. and AKIYAMA, H. — What Children See: The Aged on Television in Japan and United States. *The Gerontologist*, 1985, 25(1), 62-68.
- INTERNATIONAL SYMPOSIUM: The Family as a Source of Support for the Elderly. *The Gerontologist*, 1983, 23(6), 573-655. (CHOW, N. W. — The Chinese Family and Support of the Elderly in Hong-Kong; DOATLAND, S. O. — Use of Public Services for the Aged and the Role of the Family, Norway; FADEL-GIRGIS, M. — Family Support for the Elderly in Egypt; MAEDA, D. — Family Care in Japan; ROWLAND, D. and KENDIG, H. — Family Support of the Australian Aged; WEIHL, H. Three Issues from the Israeli Scene; WORACH-KARDOS, H. The Polish Family Tradition.
- KAHANA, B. and KAHANA, E. — Grandparenthood from the Perspective of the Developing Grandchild. *Developmental Psychology*, 1970, 3, 98-105.
- KELLER, F. S. — *Getting-Old Behavior*. Paper presented at the University of North Carolina at Greensboro, March 19, 1982.
- KILTY, K. M. and FELD, A. — Attitudes toward aging and toward the needs of older people. *Journal of Gerontology*, 1976, 31, 586-594.
- KOGAN, N. — Attitudes toward old people: The development of a scale and an examination of correlates. *J. of Abnormal and Social Psychology*. 1961, 62, 44-54.
- and WALLACH, M. A. — Age changes in values and attitudes. *J. of Gerontology*. 1961, 16, 272-280.
- LAURENTI, R. — *O Envelhecimento na População*. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1985 (não publ.).
- MEDEIROS, E.A.C. — *Mulher na Terceira Idade: Uma Tentativa de Levantamento de Determinantes da Solidão*. Dissertação de Mestrado. PUCAMP, Campinas, 1983.
- NERI, A. L. — Contribuições Teóricas ao Estudo de Crises e Transições no Desenvolvimento Adulto: Uma Análise Preliminar. *Estudos de Psicologia*, 1983, 1(1), 63-81.
- NEUGARTEN, B. L.; LIWOOD, V.; KRAINES, R. J. and LOOMIS, B. — Women's Attitudes toward the menopause. *Vita Humana*, 1963, 6, 140-151.

- **Personality in Middle and Late Life.** N.Y.: Otherton, Press, 1964.
- NEUGARTEN, B. L.; HAVIGHURST, R. J. and TOBIN, S. S. — The measurement of life satisfaction. **Journal of Gerontology**, 1961, 16, 134-143.
- NEUGARTEN, B. L.; MOORE, J. W. and LOWE, J. C. — Age Norms, Age Constraints and Adult Socialization. **American Journal of Sociology**, 1965, 70: 710-717.
- NEUGARTEN, B. L. — Continuities and Discontinuities of Psychological Issues into Adult Life. **Human Development**, 1969, 12, 121-130.
- **Time, Age and the Life Cycle.** **American Journal of Psychiatry**, 1979, 136(7), 887-894.
- NEWMAN, S. J. and STRUYK, R. — An Alternative Strategy for Housing Assistance. **The Gerontologist**, 1984, 24(6), 584-592.
- OLIVEIRA, M. J. — **Aposentadoria: sinônimo de crise ?** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia PUCAMP, 1981.
- PAIVA, V. M. B. — **A Velhice e o Corpo na Opinião de Homens e Mulheres na Meia Idade e na Velhice.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, PUCAMP, 1985.
- POWERS, E. and GOUDY, W. J. — Examination of Work to Older Workers. **International Journal of Aging and Human Development**, 1971, 2, 38-45.
- PASSUTH, P. M. and COOK, F. L. — Effects of Television Viewing on Knowledge and Attitudes about Older Adults: A Critical Reexamination. **The Gerontologist**, 1985, 25(1), 69-77.
- PRESTON, C. E. and GUDIKSEN, K. S. — A measure of self-perception among older people. **Journal of Gerontology**. 1966, 21, 63-71.
- PYNOOS, J.; HADE-KAPLAN, B. and FLEISHER, D. — Intergenerational Neighbourhood Networks: A Basis for Aiding The Frail Elderly. **The Gerontologist**, 1984, 24(3), 223-237.
- REBELSKY, F. — **Life the Continuous Process.** Readings in Human Development. N.Y.: A. Knopf, 1975.
- RICHMAN, J. — The Foolishness and Wisdom of Age: Attitudes toward the Elderly as Reflected in Jokes. **The Gerontologist**, 1977, 17(3), 210-219.
- ROCHEBLAVE-SPENLÉ — **La Notion de Rôle en Psychologie Sociale,** Press Universitaires de France, Paris, 1969.
- ROSENCRANTZ, H. A. and McNEVIN, T. E. — A factor analysis of attitudes toward the aged. **The Gerontologist**. 1969, 9, 55-59.

- ROSSI, A. — Life Span Theories and Women's Lives. *Signs: J. of Women in Culture and Society*, 1980, 6(1), 4-32.
- SCARFF, M. — Crises Previsíveis: Pontos de Pressão na Vida das Mulheres. R. J.: Francisco Alves, 1982 (Trad. do orig. em inglês por Luisa Ibañes).
- SCHONFIELD, H. — Who is Stereotyping Whom and Why? *The Gerontologist*, vol. 22, nº 3, 267-272, 1982.
- SILVEIRA, M. e BENTO, V. — A Síndrome Normal da Velhice: Uma Abordagem Biopsicossocial e uma Proposta Psicoterápica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 1982, vol. 34, nº 04, 133-141, out-dez.
- SHEEHY, G. — Passagens. Crises Previsíveis da Vida Adulta. RJ.: Francisco Alves, 1979. (Trad. do orig. em inglês de 1974, por D. M. Garschagen).
- SELTIZ, Jahoda, DEUTSCH e COOK — Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais. SP.: EPU-EDUSP, 1974. (Trad. do orig. em inglês de 1960, por Dante Moreira Leite).
- SHEPPARD, A. — Attitudes toward aging: Analysis of an Attitudes Inventory of Younger Adults. *Catalog. of Selected Documents in Psychology*. 1981, 11(3), 49.
- SKINNER, B. F. and VAUGHAN, M. E. — Enjoy Old Age — A Program for Self Management, New York: W. W. Norton e Co., 1983.
- SOHNGEN, M. and SMITH, R. J. — Images of Old Age in Poetry. *The Gerontologist*, 1978, 18(2), 181-186.
- STEVENS-LONG, J. — Adult-Life. Developmental Processes. Palo Alto, Cal.: Mayfield, 1979.
- STOETZEL, J. — Psicologia Social, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1972, tradução do original francês de 1963, por Haidée Camargo Campos.
- THIOLLENT, M. — Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. SP: Ed. Polis, 1982.
- TOWNSED, P. — The four generation family. In F. Reblesky (Ed.), *Life — The Continuous Process Readings in Human Development*. NY.: Knopf, 1975.
- YIN, P. and SHINE, M. — Misinterpretations of Increases in Life Expectancy in Gerontology Text Books. *The Gerontologist*, 1985, 25(1), 78-82.
- WAGNER, E. C. A. e M. — Redes de Apoio Comunitário ao Idoso. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1985 (não publ.).
- WARD, R. A. — The Marginality and Saliency of Being Old: When is Age Relevant? *The Gerontologist*, 1984, 24(3), 227-232.